



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**AMANNA MARIA PEREIRA DA SILVA**

**CARIMBÓ: DANÇA, CULTURA, TRADIÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL  
IMATERIAL BRASILEIRO.**

**Belém  
2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**CARIMBÓ: DANÇA, CULTURA, TRADIÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL  
IMATERIAL BRASILEIRO.**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção de nota final do(a) aluna (Amanda Maria Pereira da Silva), graduanda em Licenciatura Plena em Dança, UFPA  
Professor orientador: Éder Jastes.

## ADRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos avôs maternos Raimundo Nonato Pereira e Camila Sousa Pereira, e a minha mãe Maria de Nazaré Pereira por sempre acreditarem em mim, nos meus sonhos, desejos, objetivos, eu não seria nada e nem ninguém sem a presença deles, sem a educação e os bons exemplos que eles sempre deram dentro e fora de casa, de honestidade, dignidade, bom caráter. Eles são os grandes responsáveis pela minha grande paixão pela cultura do meu estado, Pará. Eu cresci ouvindo as histórias que o meu avô contava, das aventuras que ele viveu com alguns dos seres místicos da nossa cultura, como a Matinta Pereira, o Lobisomem, O boto, em suas viagens de trabalho, quando era marítimo e tinha que atracar em vários portos do país.

Eu sempre acreditei nas histórias que eles me contavam e continuo acreditando, que tudo isso existe, minha mãe sempre me falou que a noite não foi feita para ser vivida, que ela foi feita para ser dormida, por que que vive na noite pode encontrar um desses seres pela rua. Foram muitos anos sempre ouvindo e repassando aos meus amigos da vizinhança. Ao chegar ao anoitecer eles sempre sentavam na afrente da minha casa, fazendo uma grande roda e ouviam atentamente a cada detalhe da história repassada do meu avô, por mim. Por muitos anos eu fui uma contadora de histórias, uma disseminadora de lendas e mitos da nossa cultura. Era tão real para eles como era para mim também. Infelizmente meu grande contador de histórias hoje não está mais entre nós há 4 anos. Ele foi um dos que mais acreditou e sempre sonhou em hoje me ver formando em uma Universidade Federal. A oportunidade que ele e minha avó não tiveram, de estudos, eles ajudaram a minha mãe, a realizar nela e em nós. Sou muito grata por todo o sacrifício que eles fizeram durante todo esse tempo. E principalmente a minha mãe que foi pai e mãe, não deixou faltar nada para a minha irmã e eu, assim como os meus avós. Esse sempre foi o sonho dela, e se hoje cheguei até aqui, sem desistir, foi por ela. Todos esses anos de lutas e obstáculos pelo caminho que enfrentei, valeram apenas, pois tentei absorver todo o conhecimento sempre oferecido na faculdade.

Aos meus professores de dança, que sempre me incentivaram no colégio a vivenciar através da dança, essa cultura popular. Ao professor Eduardo Viera que deu oportunidade de participar de seu grupo de dança na escola, abrindo assim meus olhos para esse universo encantado da dança. Como foi bom viver essa experiência junto com os meus amigos.

Agradeço também aos meus mestres, pessoas maravilhosas que encontrei ao ingressar na Universidade Federal do Pará, na ETDUFPA, não sei o que seria sem a ajuda, apoio, respeito deles. Foi vendo eles, assistindo as aulas, dividindo risadas, tirando dúvidas, até mesmo tarde da noite. Sou muito agradecida por todo o compartilhamento e troca de aprendizado, pelos conselhos e amizade, foi com eles que eu descobri o tipo de professora que eu quero ser, sempre respeitando a individualidade de cada um. Eles estarão sempre comigo, eu absorvi o melhor de cada um, o conhecimento compartilhado, com certeza alguns deles são os meus ídolos, como foi prazeroso cada aula teórica e prática. A universidade Federal do Pará respira arte e transmite cultura.

Os meus colegas e amigos de classe, por todos esses anos de luta juntos, passamos por grandes dificuldades, obstáculos mais graças a força que Deus nos deu conseguimos chegar até aqui. Eu não poderia ter estado em outra turma, aqueles trinta nomes totalmente desconhecidos, hoje se tornaram conhecedores das qualidades e defeitos de cada um. Alguns ficaram pelos caminhos da vida, mais hoje estão de volta ao curso. Eles foram tão importantes em vários momentos da minha, não só dentro, mas fora de sala de aula também, tivemos bebês lindos, grandes alegrias, mas também tivemos problemas como toda grande família, e como toda família, nós superamos. Eu agradeço de coração a paciência que eles tiveram comigo, ao me ouvir falar da minha pesquisa, do carimbó por todos esses semestres. Desejo sempre o melhor para cada um, foi um prazer estar ao lado deles. A minha pesquisa tem um pouco de cada, com as dúvidas, perguntas, questionamentos que eles faziam nas minhas apresentações.

Obrigada a todos que fizeram parte direta e indiretamente da minha pesquisa, aos que me deram força e carinho, aos que não estão mais aqui, mais estão sempre nos momentos de reconhecimento. Sempre.

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que tem como objetivo investigar, descrever e compreender a cultura carimbozeira como uma das mais fortes e influentes representações culturais do estado do Pará. Buscando entender a importância da valorização efetiva de um bem nacional. Procura registrar as primeiras comemorações depois que o carimbó recebeu o registro de Patrimônio Cultural Nacional e de como essa forte tradição pode ser mantida em um grupo urbano em meio ao século XXI, uma dança com mais de 200 anos de existência. Desse modo vou em busca das raízes e mergulho em Marapanim considerada a capital do carimbó, e é de lá que vem toda essa influência de tradição e valorização do carimbó, considerado assim um dos mais autênticos, o “carimbó praieiro”, típico da nossa região do salgado, como afirma Antônio Francisco de A. Maciel em “Carimbó - um canto caboclo”. Marapanim foi um dos municípios que levantou a bandeira da campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”. Apresento a vivência, o dia a dia, o trabalho na lavoura e na pesca, uma dança que exterioriza através de movimentos toda essa prática cultural, com um novo sentido, um novo significado o que Paes Loureiro chamou de conversão semiótica, um cotidiano trazido para cena, ganhando uma outra energia, o extra cotidiano de Eugenio Barba. Uma expressão simbolicamente espontânea singular e plural que revelam o comportamento do homem em seus trabalhos diários, que Éder Jaster caracterizou como espetacularidade em sua tese de mestrado intitulada “Dança da onça na cena amazônica: Espetacularidade cabocla na dança do carimbó. Assim vou ao encontro do grupo Sancari de Belém do Pará, um grupo que procura manter visivelmente a tradição do carimbó encontrado em Marapanim. Uma dança considerada uma manifestação espetacular de maior expressão criativa, com uma teatralidade cheia de significados representativos de suas matrizes estéticas fundadoras. O nome carimbó vai além de uma dança, refere-se também a música, coreografia, vestimenta, instrumentos, poesia. Um universo cultural fortemente vivenciado na região do Salgado Paraense mas que ainda assim em meio a um registro tão importante precisa muito da valorização e da tradição de suas memórias vivas, nossos mestres e mestras, grupos de carimbó que vivem do carimbó.

**Palavras-chaves:** Carimbó, Cultura carimbozeira, Patrimônio Cultural, Espetacularidade, Teatralidade, Matrizes estéticas, Tradição.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mestre Lucas fabricando um carimbó .....	14
Figura 2 - Um ritual dos Tupinambás .....	16
Figura 3 - Instrumento Maracá .....	19
Figura 4 - Instrumentos Afoxé .....	19
Figura 5 - Festejos de negros .....	25
Figura 6 - Luciele executando movimentos do carimbó característica das danças negras .....	25
Figura 7 - Dança portuguesa .....	25
Figura 8 - Pescador lançando a rede .....	27
Figura 9 - Vestuário da dança do carimbó .....	28
Figura 10 - Pescador lançando a rede .....	30
Figura 11 - Dançarina jogando a saia .....	30
Figura 12 - Elementos do cotidiano utilizados na coreografia do carimbó .....	31
Figura 13 - Vasos de Cerâmica de Icoaraci .....	32

Figura 14 - Mestre Coutinho .....	32
Figura 15 - Colares de sementes, uma herança ameríndia .....	32
Figura 16 - Luciete Pantoja, dançarina do grupo Sancari .....	34
Figura 17 - Dona Neire Rocha .....	28
Figura 18 - Campanha do carimbó .....	36
Figura 19 - I Congresso Estadual do Carimbó .....	37
Figura 20 - Rejane Nobrega. I Congresso de Carimbó Estadual. 2015 .....	39
Figura 21- Dona Neire, Mestre Lucas e a Dançarina Luciete .....	40
Figura 22 - Os mestres e mestras na roda de Carimbó pelos corredores do Centro de cultura e formação cristã (Seminário Pio .....	40
Figura 23- Mestre Manoel do grupo uirapuru e Mestra Bigica das Serias do mar na roda da acolhida .....	41
Figura 24 - Frutas e outros sabores da região Paraense .....	41

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INDRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>CARIMBÓ: SUA ORIGEM .....</b>	<b>12</b>
	2.1 A DANÇA PROIBIDA .....	16
	2.2 MARAPANIM A CAPITAL DO CARIMBÓ .....	19
	2.3 O SURGIMENTO DOS PRIMEIROS GRUPOS DE CARIMBÓ .....	21
<b>3</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DA DINÂMICA CORPORAL DO CARIMBÓ .....</b>	<b>23</b>

3.1 O VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS .....	27
3.2 O SIGNIFICADO DOS MOVIMENTOS DA DANÇA .....	29
3.3 A INFLUENCIA DO COTIDIANO NA CONSTRUÇÃO DA DINAMICA CORPORAL DO CARIMBÓ .....	33
3.4 O GRUPO SANCARI .....	33
<b>4 CARIMBÓ NOSSO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO .....</b>	<b>35</b>
4.1 AQUI NASCE A CAMPANHA CARIMBÓ PATRIMONIO CULTURAL DO BRASIL .....	35
4.2 I CONGRESSO ESTADUAL DE CARIMBÓ .....	37
4.3 CARIMBÓ DO MEU BRASIL .....	44
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>6 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se na busca pela valorização e pelo reconhecimento do carimbó no estado do Pará, não só pelo o título de Patrimônio Cultural do Brasil, mais de fato essa valorização aqui dentro da sociedade paraense. O carimbó possui as várias vertentes das matrizes formadoras da população do estado do Pará. Uma Dança que surgiu em meio a uma vida difícil de um povo explorado pelos colonizadores que acabavam se refugiando em rodas de tambores, em seus terreiros, dançando e cantado a labuta diária, amores, a relação com a natureza e lendas do lugar.

Em uma de minhas andanças em busca de informações do carimbó conheci nona Iná avó de uma colega de sala de aula, a qual fizemos um trabalho juntas da disciplina Dança, cultura e sociedade, ministrada pela professora Maria Ana Azevedo. Ela me apresentou a avó, que nasceu em Marapanim e tem lembranças vivas daquela época da dança.

A escolha do Carimbó como objeto de pesquisa foi de uma etapa importante da minha vida, uma vivência na dança, foi através desta prática da dança do carimbó que passei a perceber como é importante a valorização do que é nosso, da mais extraordinária manifestação culturalmente criativa, artística e tradicional do Pará. Acredito que através da dança podemos ensinar nosso povo os valores sócio-culturais, que infelizmente não possuem oportunidades de vida com dignidade e direitos. Vejo a dança como forma de conhecimento histórico, social, político, cultural. E qual maneira mais eficaz se não a de educarmos por meio de nossa cultura Amazônica? Rica de conhecimento, histórico, mitos, lendas e rituais das três etnias formadoras do nosso povo. Uma dança que sofreu influência de três etnias diferentes e ricas culturalmente, com costumes e modos de vida diferentes, mas que acabaram se completando.

Acredito que esta pesquisa contribuirá para academia, pela escassez de trabalhos das danças tradicionais populares do nosso estado. De acordo com Geertz em “*a Interpretação das culturas*” (1889, p. 61), “Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativa, sem cultura não haveria homens”. Para ele o homem tem papel fundamental na cultura. Tudo dentro de uma cultura tem significado. A cultura é basicamente tudo o que podemos aprender em uma determinada sociedade e cada uma tem sua maneira de beber, comer, andar, falar, dormir, dançar. Marcel Mauss cita em “*A noção de técnica corporal*”. Somos o que nos é repassado através dos ensinamentos por décadas por

nossos ancestrais. E podemos veicular isso com os nossos costumes que nos apresenta um rico conhecimento desta manifestação cultural que é o carimbó inserido no cenário Amazônico.

A importância da valorização do carimbó também está ligada a sociedade, pois é imprescindível que esta manifestação seja mantida viva em sua essência, sua raiz por meio da tradição e todos somos responsáveis por tal conhecimento. Existe uma grande mobilização dos grupos de carimbó para que haja essa preservação, mais para isso todos temos que fazer a nossa parte de valorizar o que é nosso, uma dança com mais de 200 anos de história. É uma parte de nossa história viva e ainda vivida intensamente por muitos grupos e mestres da cultura Carimbozeira, muito presente ainda no cotidiano desse povo. O município de Marapanim<sup>1</sup> é tão famoso exatamente por manter firme a bandeira do carimbó como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Este trabalho será desenvolvido através do levantamento bibliográfico, do que foi possível encontrar já publicado como livros de autores paraenses e pesquisadores como o Professor de Estética, História da arte e da cultura Amazônica, na Universidade Federal do Pará, escritor e poeta João de Jesus Paes Loureiro que possui diversas obras como os livros “*Cultura Amazônica - Uma Poética do Imaginário*”, tese de doutoramento na Universidade de Paris V (Sorbonne, França) e “*A conversão Semiótica na arte e na Cultura*”, do pesquisador Paulo Cordeiro- “*O carimbó da vigia*”, entre alguns antropólogos como o historiador Câmara Cascudo “*Geografia dos Mitos*” estudioso da cultura brasileira, o ator, dramaturgo, diretor, pesquisador Armindo Bião “*Etnocenologia e a Cena baiana*”, que me ajudaram no desenvolvimento desta monografia, também utilizei artigos, revistas, análise de dados de documentos, entrevistas semiestruturadas, fotos, vídeos de festivais e comemoração em que o carimbó se fez presente. Uma pesquisa básica objetivando gerar o conhecimento teórico da dança e de tudo o que a constitui no gênero, como a vestimenta, os instrumentos, a música, a poesia, a coreografia entre outros fatores.

Na primeira seção apresento os teóricos que me ajudaram a construir essa teia de conhecimento que é esta dança, reafirmando a mistura de elementos das matrizes formadoras

---

<sup>1</sup> É um município brasileiro do estado do Pará. Localiza-se a uma latitude 00°43'03” sul e uma longitude 47°41'59” oeste, estando a uma altitude de 40 metros. Sua população estimada em 2004 era de 27.171 habitantes. Possui uma área de 799,2,99 km². O município é famoso por possuir praias paradisíacas. As mais famosas são Marudá, Camará, Crispim e Sacaiteua.

do povo caboclo e dando origem a uma dos bailados de maior criatividade da cultura popular tradicional do Pará, o carimbó.

Na segunda seção, *carimbó: A sua origem* mergulho nas teorias sobre a origem do carimbó, uma pesquisa cheia de tradição, onde tento vincular os elementos as três matrizes etnias, o ameríndio, negro e europeu. Da ruptura que o povo de origem sofre com a imposição dos colonizadores, do novo corpo que surge diante dessa mistura rica em cultura, de continentes e práticas corporais tão diferentes, da dança proibida pela Igreja, que a considerava uma dança pecadora, pela dinâmica corporal dos praticantes, da música frenética, de tambores que surgiam ao anoitecer, sobre a origem da denominação “Carimbó” que inicialmente pode ter surgido em Marapanim a capital do carimbó mais conhecida a “Borboletinha do mar” como município onde surgiu os primeiros indícios da dança do carimbó, e de lá foi levada por pescadores para as outras regiões do salgado, os primeiros grupos de carimbó com características diferentes.

Na terceira seção, *A construção da dinâmica corporal do carimbó*, apresento alguns movimentos da dança, de práticas do cotidiano, resignificados para a cena espetacular e uso dos objetos, de como esse cotidiano de uma mistura de etnias, acabaram se misturando, dando origem ao caboclo da Amazônia, um povo com costumes, rituais, linguagem das três matrizes. O grupo Sancari, é um grupo de carimbó que reside bem no centro de Belém, em meio a uma metrópole que cresce desordenadamente, cada vez mais em busca da modernidade, na música, na dança, consegue manter ainda muito viva visivelmente a dança do carimbó encontrada nos interiores, sem fugir da tradição, da graciosidade dos movimentos representativos de práticas diárias, da pesca e da lavoura.

Na quarta e última sessão intitulada *Carimbó: nosso patrimônio cultural brasileiro*, descrevo os primeiros indícios da campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”, o que aconteceu com o carimbó depois do título, que durou anos de luta. Sobre o primeiro congresso de carimbó da região do norte, que reuniu mestres e mestras, dançarinos, músicos, cantores, compositores, representantes da comunidade carimbozeira. Para a criação de uma comissão de Salvaguarda do carimbó, para cobrar dos governantes direitos de quem faz essa manifestação espetacular e valorizar quem merecidamente lutou para essa grande conquista, os mestres de carimbó e várias outras propostas que durante os meses de organização das propostas e problemas das comunidades.

A conclusão da atual situação do carimbó em meio a cena Amazônica, depois de mais de 200 anos do surgimento no estado do Pará não é o que os fazedores de carimbó gostariam

de estar vivendo. Uma das lutas é o processo dinâmico de transformação pelo qual a dança tende a passar, mas sem perder sua tradição, suas origens tão bem expressadas através dos vários fatores, como o vestuário, os instrumentos que produzem a música.

## 2 CARIMBÓ: A ORIGEM

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mais como uma ciência interpretativa, a procura do significado. (GEERTZ, Apud. WEBER, 1989, p.4)

O carimbó é essa teia de significados que o homem, caboclo da Amazônia teceu, em uma das danças mais tradicionais transmitidas através de movimentos que retratam o cotidiano da vida amazônica na pesca, na agricultura, na pecuária, na vida simples que conta histórias em pequenos versos, que se repetem, muitas vezes. Ao mesmo tempo em que surgiu em uma época tão difícil para a humanidade, tão desigual para nossos irmãos, como um modo de tentar amenizar a vida difícil, o sofrimento de um povo, longe de sua terra, sua cultura. Esse povo achou através da dança, um meio de estar mais perto de tudo que lhes foi arrancado, não falo só do homem negro, mais do nativo ameríndio que também sofreu grandes rupturas em seu habitar, quando os colonizadores chegaram aqui.

Uma cultura fascinante que conta em suas versos e cantos o imaginário amazônico, mitos e lendas de um povo que se misturou de uma forma que é difícil até identificar que fatores são referentes a uma única etnia. São três matrizes formadoras do nosso povo, ricas culturalmente e que são formadoras de um novo povo, o caboclo<sup>2</sup> da Amazônia. Vejo o caboclo como um corpo híbrido<sup>3</sup>, algo que de uma homogeneização se origina um novo

---

2

<sup>3</sup> O híbrido: Figurado. Caracterizado por ser composto por elementos diferentes: gênero de dança híbrido. Em latim, “híbrido” é usado tanto para designar o resultado do cruzamento de espécies diferentes, como a égua com o jumento, como também o filho de um romano com uma estrangeira, ou de um homem livre com uma escrava.

corpo, com informações distintas e ao mesmo tempo que se completam.

Christine Greiner (2007) aponta para uma compreensão do corpo como sistema, em detrimento de uma abordagem do corpo como um instrumento de ação ou um produto do meio. Diante das múltiplas metáforas e definições do corpo na contemporaneidade (corporeidade, corpomídia, corpo-vivo, corpo orgânico, corpo sem-órgãos), um corpo como sistema, que se reelabora continuamente na medida em que processos afetivos, cognitivos e motores se atualizam, consegue abarcar algumas das mais recentes teorias do corpo, principalmente aquelas que consideram o corpo para além da matéria, buscando eliminar as dicotomias instauradas pelos ideais cartesianos que punha o corpo como matéria dominada pela razão, força maior. O sistema se reorganiza, se reestrutura, sempre que novas informações são instauradas. (FONSECA, 2011, p.2)

Na dança o corpo híbrido é aquele que possui várias linguagens corporais. Fonseca e Silva em seu artigo *uma compreensão sobre o corpo no teatro pós-dramático: o corpo híbrido*, afirma esse novo corpo.

Não podemos esquecer que antes do Europeu chegar e dominar o homem que aqui habitava, trazendo algum tempo depois os africanos para o trabalho escravo, depois que os índios se rebelaram em busca da liberdade, os negros já eram escravizados na Europa. Havendo aí entre os dois povos, um contato direto com novas culturas, novos costumes.

O carimbó é passado oralmente, os filhos e netos aprendem através da imitação, de seus descendentes, aprendem a tocar, a cantar, fabricar os instrumentos, observando a prática, uma transcendência<sup>4</sup>, passada de geração em geração. A maioria dos instrumentos usados são os próprios cantores e músicos de grupos de carimbó. Prática essa que descende dos negros e ameríndios.

A linguagem é a *faculdade de expressão* de um grupo de pessoas e a língua é o *instrumento* que esse grupo utiliza para expressar-se (Martinet, 1969 e 1970). Ela pode ser definida como “linguagem oral e escrita de um determinado grupo de pessoas” mas ela é mais do que isso: a língua — 1. é forma do pensamento, — 2. é a manifestação do povo que a fala, — 3.

---

<sup>4</sup> A **Transcendência** é fazer um caminho ou percurso para o mais além do meu eu humano; é viajar pelo saber das outras realidades que nunca tinha passado pela mente do próprio sujeito em estudo, mas para o seu objeto, isto é, a realidade do que está a ser estudada; é descobrir aquilo que era o desconhecido; é largar-se do meu egocêntrismo para conviver com os outros; é dar a vida para outra pessoa, e por aí fora.

condiciona a apreensão pelo espírito do mundo externo (MARCELLESI/GARDIN, 1974:20. *Apud* NARDI, 2011, p. 16),

O termo carimbó surge nos primeiros registros que se tem conhecimento como o nome de um instrumento, feito de um tronco de madeira oca e coberto em uma de suas extremidades com pele de animal, como nos diz o *Glossário Paraense de Vicente Chermott de Miranda, em 1905*. O nome do tambor é curimbó, o instrumento teve variações linguísticas até chegar à palavra carimbó. Contida na questão que ouvimos e reproduzimos, logo em algumas localidades, a palavra Carimbó era pronunciada de outros modos.

Os próprios mestres, músicos e dançarinos fabricam seus tambores, instrumentos usados. Uma pratica passada de geração em geração.



Figura 1: Mestre Lucas<sup>5</sup>, fabricando um Curimbó em uma oficina. 2015  
Fonte: Neide Prestes. 2015.

Essa manifestação espetacular se desenvolveu na parte litorânea do estado do Pará, região do Salgado, mais especificamente em Marapanim. Segundo alguns pesquisadores o carimbó foi criado pelos índios tupinambás e era apresentado num andamento monótono, com características de forte marcação dos pés, uma dança imitativa de animais, práticas do trabalho cotidiano, que também foi usado como um desabafo, um canto preso, o homem em busca do sonho da liberdade, homenagens a natureza, uma forma de adoração de suas divindades, declarações de amor a mulher amada. Eles eram proibidos de manifestar suas práticas religiosas.

---

<sup>5</sup> Mestre Lucas Pacheco Bragança, fundador, compositor, músico e mestre do grupo Sancari.

Com a teoria de que a dança foi criada pelos índios com a chegada dos negros na Amazônia no tempo da escravidão, essa dança foi aperfeiçoada, ganhando mais vigor, intensidade sendo inseridos elementos não só na dança, mas na dinâmica corporal, no ritmo, na indumentária, no canto, signos da cultura negra. Segundo o pesquisador e Dr. Eder Jastes em sua tese de mestrado *ZIMBA: A ESPETACULARIDADE GESTUAL DOS DANÇARINOS DE CARIMBÓ NA AMAZÔNIA, 2012*.

Os estudos feitos sobre Manifestações Folclóricas, pelo Programa de Desenvolvimento de Arte-Educação (PRODIARTE, 1982, p. 45-46), concluíram que o Carimbó é contribuição indígena, dando a autoria aos Tupinambás, sendo depois modificado pelos europeus e negros. (JASTER, 2012, p.23).

O momento da folga era o momento em que acontecia as rodas de carimbó, considerado sagrado para eles, um momento de transição com o divino, era como se eles buscassem forças para continuar a viver com as dificuldades, e não me refiro somente ao tempo da escravidão. Pois o que sabemos é que desde sempre a dança está presente na vida do homem, como em rituais. Nas rodas de carimbó eles eram homens livres, felizes mesmo quando cantavam tristezas. Além do significado religioso assim como os africanos, os índios também usavam as danças como praticas religiosas. Em muitas danças eles ainda guardam em segredo os seus significando da pratica religiosa assim como acontece na dança, o Toré<sup>6</sup>.

[...] Os índios brasileiros são impregnados pelos seus mistérios onde paira o misticismo. Nos seus rituais e crenças, a dança e a música têm um papel fundamental e uma grande influência na sua vida social. O índio dança para celebrar atos, fatos e feitos relativos à vida e aos costumes. Dançam enquanto preparam a guerra; quando voltam dela; para celebrar um cacique, safras, o amadurecimento de frutas, uma boa pescaria; para assinalar a puberdade de adolescentes ou homenagear os mortos em rituais fúnebres; espantar doenças, epidemias e outros flagelos. (GASPAR, 2011, p.1)

---

<sup>6</sup> O toré é uma dança realizada ao ar livre por homens e mulheres, que formam um grande círculo que giram em torno do centro. E giram em torno de si próprio, pisando fortemente o solo, marcando o ritmo da dança, acompanhado por maracas e um coro de vozes dos dançarinos, que declaram versos de difícil compreensão, puxados pelo guia do grupo, o objetivo do ritual do toré é a comunicação com os encantos e encantados, que vivem no reino dos encantados. É um ritual sagrada que pode ser praticados ou celebrados e com função religiosa, de penitência, resgate dos antepassados e relação com a natureza.



Figura 2: Ritual de caça dos ameríndio

Fonte: Internet

Outros pesquisadores apontam a origem do carimbó aos negros africanos, uma variante do batuque, dança africana, que eles trouxeram para a região do Pará e Maranhão, onde também é possível encontrar o gênero, como cita Vicente Salles em “Carimbó Trabalho e Lazer do Caboclo de 1969”:

O batuque deve ter sido o gerador da imensa variedade do carimbó, talvez a principal dança africana ainda possível de se observar e estudar na Amazônia. Coreografia, ritmo e até cantorias, muitas vezes se confundem e daí resulta uma unidade. Partindo do Batuque podemos afiliá-lo sem qualquer sombra de dúvida, ao samba – o denominador comum da lúdica africana no Brasil em sua forma mais característica como forma local do Pará e no Maranhão. (SALLES, 1969, p.281).

## 2.1 A DANÇA PROIBIDA

Paulo Cordeiro um pesquisador cita em seu livro *Carimbó da Vigia*, publicado em 2010, testemunhos de vigienses que viveram nessa época, eles relatam que teria sido muito forte a vivência do carimbó, como eram essas rodas de carimbó, que eram incentivadas pelos senhores, porque assim os distanciavam da ideia de fugas. Eles precisam de mão de obra e viam nessas rodas a solução para os manter no trabalho. Vivenciadas nas senzalas e barracões das fazendas, sítios engenhos, como foi muito praticada pelos negros a dança acabou sendo considerada por muitos uma dança de negros, criando-se um grande pré-conceito que se perpetua até os dias de hoje em pleno século XXI pela sociedade, mais que comparado com a época, já houve um grande avanço, quanto a aceitação do carimbó como uma das danças representante da cultura popular paraense.

[...] Esse tipo de manifestação, instaurado por ‘comunidades ritualísticas’ foi confundido, originariamente, com o ritmo Lundu, assentado na dança Fofa (típica portuguesa, sensual e desenvolta), conhecida no Brasil no séc. XVIII). No Batuque, porém, variedades rítmico percussivas eram praticadas, fazendo com que o termo fosse consagrado como fonte originária das práticas musicais de cultos de origem negra, num Brasil colônia, escravocrata. (D’ÁVILA, 1982, p.2.)

Alguns moradores mais antigos da Ilha de Marajo<sup>7</sup> onde o carimbó também é muito forte contam que quando criança ouviam os tambores longe, tinham medo do barulho e da cantoria que ouviam. Os senhores também tinham medo dessas cantorias, das danças dos negros nesses momentos, que possuíam características corporais muito vibrantes, uma batucada muito intensa, com rebolados, muitos giros, cantos fortes. Esse medo era presente na maioria dos senhores de escravos e suas famílias pelo Brasil inteiro, por isso eles acabavam por convencer os governantes para que se estabelecessem leis contra essas manifestações. Proibindo a utilização do batuque.

Em meados do século XVIII, a cidade da Bahia estava em efervescência, especialmente no Domingo, com o ruído dos famosos batuques. Os mestres dos escravos, indignados por esta perturbação nos repouso dominicais, dirigiram-se ao “Conde dos Arcos”, então governador em 1758, para pedir-lhe o fim dos batuques. Ele lhes respondeu que “os batuques constituíam uma medida administrativa, para evitar assim a revolta negra” (MENDONÇA, 1973, p.80; VERGER, 1982, p.25; RODRIGUES, 1977, p.156. Apud, D’ÁVILA, 1982)

Conta Cordeiro, 2011, que em Vigia<sup>8</sup> alguns homens brancos curiosos com essa manifestação iam assistir essas rodas, escondidos e incentivavam, davam dinheiro para esses grupos praticantes da dança, mais sem que a sociedade e a igreja soubesse, foram esses poucos que encantados acabaram inserindo suas características na dança, de graciosidade,

---

<sup>7</sup> A ilha do **Marajó** é uma ilha brasileira do estado do Pará, localizada na foz do rio Amazonas no arquipélago do Marajó.<sup>[1]</sup> <sup>[2]</sup> Com uma área de aproximadamente 40 100 km<sup>2</sup>, é a maior ilha do Brasil e também a maior ilha fluviomarítima do mundo. A cidade de Belém situa-se a sudeste do canal que separa a ilha do continente. A maior ilha fluvial é a Ilha do Bananal.<sup>[3]</sup>

<sup>8</sup> O município de Vigia está localizado no estado do Pará. A uma latitude 00°51’30”Sul, longitude 48°08’30” Oeste, altitude de 6m, com uma área de 559,6 km<sup>2</sup> e conta com uma população de 47. 902 habitantes no ultimo censo.

postura, gestos que a nobreza europeia possuía na corporeidade, na movimentação de suas danças.

Essa proibição se dava muito tempo antes, no século XIII com o surgimento do Cristianismo, a igreja passou a condenar a dança considerando-a um ato pagão, assim a dança tomou outra vertente, a de dança comemorativa por isso a pratica do carimbó nos momentos de lazer dos escravos, ao festejar uma boa colheita, ou qualquer coisa que servisse de comemoração para eles. O desconhecido, tudo que não fazia parte da sociedade dominadora causava medo, o modo como era praticado, era dançado e tocado.

Na época dos colonizadores, a dança com toda essa vibração contagiava-os, essa mistura do afro-indígena, que queria mão de obra para os trabalhos estimulavam e até mesmo participavam contribuindo com traços característicos das danças tradicionais europeias.

Assim como vigia, Marapanim, segundo a comunidade foi na vila de Maranhão (Maranhãozinho), sitio de Santo Antonio, localizado as margens do rio Marapanim que surgiu os primeiros indícios da dança. Também defende a paternidade do Carimbó, que foi no município que se originou o Carimbó, preservado no local a mais de dois séculos. A origem do carimbó é algo difícil de se comprovar, pois só o que temos são suposições, teorias baseadas nas características apontada por pesquisadores do Carimbó, que também tiveram poucas informações. Quanto aos documentos para embasamento teórico de pesquisa da época foi escrita pelos jesuítas, assim só temos o ponto de vista deles. Meu objetivo aqui não é provar ou defender uma teoria, mais sim intensificar como cada uma dessas matrizes serviram de base para o nosso Carimbó, uma das danças que mais representa a cultura do Pará.

O carimbó se caracteriza na mistura das três matrizes ancestrais formadoras da nossa sociedade, da nossa cultura, O ameríndio, negro e o europeu. É possível identificar as raízes ameríndias representadas em algumas danças dentro do carimbó, como a dança da onça retratada na dissertação de mestrado do professor, Doutor Éder Jaster, 2004, e assim como a dança do boto, a dança da cobra. Câmara Cascudo sita que as lendas também são de herança africana e europeia em seu livro, Dicionário do Geografia dos mitos, nos conta. *“O curioso é que algumas lendas indígenas, como a do boitatá e a da Iara, lembram lendas européias da Antiguidade”*.

Um dos principais instrumentos do carimbó é o curimbó, para se fazer carimbó é preciso dois ou três curimbós, também possui outros como maracá, banjo, flauta, milheiro, viola, xereré, afoxé.



Figura 3: Maracá  
Foto: Neire Prestes. 2014.



Figura 4: Afoxé  
Foto: Ogã Luiz. 2011.

O tambor é difícil de apontar uma origem, pois desde os primórdios da história do homem, os tambores já acompanhavam o ser humano, serviam como forma de comunicação. Assim como as outras matrizes, os ameríndios também possuem os tambores, e o curimbó acabou originando o nome da dança.

## 2.2 MARAPANIM A CAPITAL DO CARIMBÓ.

O nome carimbó tem origem indígena da cultura Tupinambá, tirado da palavra de origem Tupi-Guarani “Curimbó”, que vem de uma junção das palavras, curi (pau ôco) e m'bó (escavado). Pau escavado que é o instrumento que é utilizado para a marcação da dança, fabricado pelos povos ameríndios e com a chegada dos negros, que também tinham seus tambores, com o passar do tempo foi inserido outros instrumentos para dar mais vibração os atabaques<sup>9</sup>, assim conhecidos na África.

Em Marapanim segundo algumas pesquisas o carimbó surgiu no sitio Santo Antônio, hoje conhecido como vila de Maranhãozinho. E se solidificou na região com uma proporção que até hoje é visível a força do carimbó no município

---

<sup>9</sup> **Atabaque** é um instrumento musical de percussão afro-brasileiro. O nome se originou do termo árabe *al-Tabaq*, que significa "prato"<sup>[1]</sup>. Constitui-se de um tambor cilíndrico ou ligeiramente cônico, com uma das bocas coberta de couro de boi, veado ou bode. Podem haver três sistemas principais de tensionamento do couro: por cordas e cunhas, por ferragens (à semelhança das congas cubanas) ou por birro (à semelhança do Sabar senegalês, do Kpanlogo ganês, entre outros tipos de tambores africanos). É tocado com as mãos, com duas baquetas, ou por vezes com uma mão e uma baqueta, dependendo do ritmo e do tambor que está sendo tocado. Pode ser usado em kits de percussão em ritmos brasileiros, tais como o samba e o axé music.

O nome carimbó tem origem indígena da cultura Tupinambá, tirado da palavra de origem Tupi-Guarani “Curimbó”, que vem de uma junção das palavras, curi (pau ôco) e m'bó (escavado). Pau escavado que é o instrumento que é utilizado para a marcação da dança, fabricado pelos povos ameríndios e com a chegada dos negros, que também tinham seus tambores, com o passar do tempo foi inserido outros instrumentos para dar mais vibração os atabaques<sup>10</sup>, assim conhecidos na África.

Em Marapanim segundo algumas pesquisas o carimbó surgiu no sitio Santo Antônio, hoje conhecido como vila de Maranhãozinho. E se solidificou na região com uma proporção que até hoje é visível a força do carimbó no município

Marapanim Foi fundada pelos Padre Jose Maria do Vale, que chegou com outros Jesuítas no século XVIII, com a missão de catequisar o povo nativo. No caso os índios que já habitavam o Pindorama como eles os chamavam. É um encantador município que é dividido em duas regiões. A região do salgado, onde se localiza as praias de Marudá, Recreio, Crispim além de outras praias banhadas pelo oceano Atlântico. Já a região da água doce, se localizam as vilas e povoados, onde ficam lindos igarapés banhados por braços e afluentes do Rio Marapanim, considerados os mais belos igarapés da região nordeste do Estado do Pará.

Marapanim vem do Nheengatu uma língua Tupi, que derivou a linguística Tupi-Guarani que quer dizer Borboletinha d’água ou como é conhecida “a borboletinha do mar”. O nome foi dado pelos índios nativos do município ao Rio da região, porque as margens se encontravam borboletas pequenas e que logo depois originou o nome do Município. Considerada a capital mundial do carimbó, é um importante representante e defensor da preservação tradicional do gênero no Pará, o carimbó.

Falar de carimbó é lembrar do município. Entre muitos atrativos a culinária marapaniense é uma das melhores do estado do Pará, Peixes, camarões, mexilhões, frutas típicas, tudo isso é muito mais em uma mistura de inúmeros sabores, capaz de levar qualquer um ao delírio como as frutas com sabores exóticos do nosso estado.

---

<sup>10</sup> **atabaque** é um instrumento musical de percussão afro-brasileiro. O nome se originou do termo árabe *al-Tabaq*, que significa "prato"<sup>[1]</sup>. Constitui-se de um tambor cilíndrico ou ligeiramente cônico, com uma das bocas coberta de couro de boi, veado ou bode. Podem haver três sistemas principais de tensionamento do couro: por cordas e cunhas, por ferragens (à semelhança das congas cubanas) ou por birro (à semelhança do Sabar senegalês, do Kpanlogo ganês, entre outros tipos de tambores africanos). É tocado com as mãos, com duas baquetas, ou por vezes com uma mão e uma baqueta, dependendo do ritmo e do tambor que está sendo tocado. Pode ser usado em kits de percussão em ritmos brasileiros, tais como o samba e o axé music.

O município luta para manter vivas as raízes histórico-culturais do gênero através de uns dos mais belos e conhecido festival de carimbó do estado do Pará. Criado pelos mestres, assim chamados os mais antigos e compositores da música carimbozeira e por cerca de 40 grupos de carimbó em atividade distribuídos em zonas distintas (salgado e água doce)

O carimbó se tornou Patrimônio Cultural Brasileiro no dia 11 de setembro de 2014 o título foi aprovado por unanimidade pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, formado por representantes da União e da sociedade civil. Foi sancionada pelo governo do estado do Pará uma lei nº 7. 515, de 28 de abril de 2011, O Dia do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Pará é comemorado em 5 de novembro. A data do dia 11 foi muito comemorada pelos grupos que lutaram durante todos esses anos pelo tão sonhado reconhecimento de bem tão valiosos para todos nós paraenses, dia de comemoração também por aqueles que infelizmente já não estão entre nós, muitos defensores, apaixonados pelo carimbó como mestre Lucindo, Verequete e outros praticantes da dança, da música que não só pode aplaudir de onde quer que estejam, e eu sei que estão lá em cima, cantando e dança. Essa vitória antes de qualquer um é deles, pessoa que deram o seu melhor para que o carimbó seja essa linda e contagiante dança. Mas ainda sim um longo caminho teremos a percorrer quanto a preservação do carimbó e divulgação do carimbó de raiz. Temos que valorizarmos nossos mestres ainda vivos. O título foi entregue no dia 11 de novembro de 2015 em meio a uma grande festa dos grupos de carimbó e dos apaixonados paraenses.

### **2.3 O SURGIMENTO DOS PRIMEIROS GRUPOS DE CARIMBÓ**

Segundo alguns pesquisadores, representantes da memória cultural comentam, que as rodas de carimbó eram realizadas pelos negros, em seus grupos de famílias, parentes, amigos, vizinhos que se reúnem nos dias de lazer como afirma Cordeiro. Para seu divertimento em meio a tantas dificuldades e sofrimentos no seu cotidiano. Durante a plantação e colheita de um roçado, reuniam-se o povoado para trabalhar ao som do carimbó, cantando nas lavouras. E dessas rodas de carimbó surgiram os grupos de carimbó com características do cotidiano de cada localidade e de seus núcleos familiar.

Venho observando há algum tempo que a *performance* do Carimbó de Zimba apresentada pelos casais “zimbandos”, além de representar o cotidiano dos jogos sociais elaborados para o outro, são espaços sociais organizados para a vivência do extracotidiano

(salões, terreiros e outros espaços para as festas dos povos da Amazônia). Além disso, a Dança do Carimbó de Zimba apresenta também dinâmicas corporais que em sua gestualidade deflagram ações de diversos animais amazônicos. Essa gestualidade traz à tona temas que são trabalhados enquanto manifestação espetacular. (JASTES, 2012, p.135).

A cultura do carimbó tem todo um significado desde a escravidão até os dias de hoje. Na época muitas músicas eram feitas de duplo sentido, que ninguém além dos compositores e praticantes sabia. Era uma forma de comunicação entre eles, usam os versos, para avisar sobre algo, ou sobre alguém. Como no verso *Olha a surucucu, que quê te pica, no tuco da cana, do canaviá*. Na musica a jovem é a visada para tomar cuidado nas plantações, pois alguém pode agarrá-la. Era uma maneira de se protegerem, muitas mulheres e moças foram agarradas a força pelos seus senhores, uma agressão absurda com a mulher.

Letra.

*Oh que preta  
é aquela que vem acolá  
é pretinha de Angolá  
do Umarizá*

*É do Umarizá  
é do Umarizá  
é pretinha da Angola  
do Umarizá*

*Atrepei pelo tuco (toco)  
Subi pelo gaio (galho)  
ai morena me apara  
Se não eu caio*

*Se não eu caio, caio, caio ...  
Ai morena me apara  
Se não eu caio*

*Eu vi andorinha  
Eu vi avoá  
Eu vi borboleta  
Nas ondas do mar*

*U vi, eu vi, eu vi, eu vi,  
Eu vi borboletas  
Nas ondas do mar*

*Olha a surucucu*

*que quê te pica  
no tuco da cana  
do canaviá*

Alguns antropólogos como o norte-americano Glifford Geertz (1989, p 134.). afirma que “*foi o próprio homem que construiu e que se manifesta através de uma diversidade de ritmos e instituições*”. E assim o carimbó se representa por meio de mensagens codificadas que conta histórias de amor, religião, trabalho, lazer, sofrimento, liberdade, abuso.

(1)''o modo de vida global de um povo''; (2)''o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo''; (3)''uma forma de pensar, sentir e acreditar''; (4)''uma abstração do comportamento''; (5)''uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente''; (6)''um celeiro de aprendizagem comum''; (7)''um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes''; (8)''comportamento aprendido''; (9)''um mecanismo para a regularização normativa do comportamento''; (10)''um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens''; (11)''um precipitado da história''.  
(KLUCKHOHN, 1961. *Apud* GEERTZ p,4)

Em uma pesquisa de campo para um trabalho da disciplina Dança, cultura e sociedade II, entrevistei uma senhora chamada dona Iná, de 74 anos, ela é de Marapanim de onde viveu profundamente a cultura do carimbó. E ela nos disse a mim e a sua neta, uma colega de sala a qual fizemos juntas essa pesquisa, que esse carimbó atualmente dançado é muito diferente do que ela aprendeu, na época quando criança ela nos informou que quando criança ouvia os batuque e nos barracões que serviam para abrigar os escravos e que depois da abolição ainda era usado para festas dos grupos.

Dona Iná ainda nos disse que nesta época os barracões eram iluminados por lamparinas. Assim os grupos surgirão, formados por grupos de famílias praticantes da dança cada um com características, músicas poética corporal própria, porque o carimbó é poesia na sua mais simples e natural tradução da vida, lazer e trabalho do homem da Amazônia.

### **3 A CONSTRUÇÃO DA DINÂMICA CORPORAL DO CARIMBÓ.**

Uma dinâmica corporal inclui várias matrizes e pequenas variações do movimento, que podem ser de acentuação rítmica, de tonicidade corporal, ou mesmo de desenho do corpo no espaço. A diferença é que a ideia de passo isola padrões de movimentos, enquanto a ideia de dinâmicas corporais os agrupa em famílias que se organizam de forma integrada. Assim se pode observar no aprendizado da dança no contexto comunitário: quando o brincante experimenta a dança, observando ou dançando, sua relação é com o todo, e não com “passos” já organizados a priori ou movimentos desconectados, que possam ser entendidos em módulos isolados, ao invés de linear, esse método de aprendizagem parece basear-se em uma compreensão de princípios gerais, de traços principais, como dinâmicas, qualidades, padrões tônicos, entre outros. Esta forma de transmissão de conhecimento não segue a premissa de que um aprendiz repita o movimento tal e qual um modelo. O brincante pode criar a sua própria maneira de dançar, respeitando certas restrições. Em nenhum momento lhe é exigido a excelência na execução dos movimentos, pois, a princípio, não existe um ideal a ser atingido, ou pode-se dizer que existe uma grande ‘negociação’ entre o que poderia ser considerado ideal e o que cada brincante consegue produzir. O que dirige o aprendizado é mais um engajamento na dança do que a cópia de movimentos (DOMENICI, 2009, p. 8-9. *Apud*, JASTER, p,49.).

Essa construção da movimentação da dinâmica corporal se deu através das culturas ancestrais de diversas maneiras, os traços das danças indígenas através do arrastar dos pés, a dança acontece em forma de uma grande roda que gira no sentido contrário ao ponteiro, anti-horário também em fileiras, como as danças ameríndias, quando os dançarinos fazem movimentos com o corpo curvado para frente, assim como a criação do tambor, chamado de curimbó, instrumentos criados pelos índios Tupinambás, que deu nome ao gênero, dança e música.

Da cultura africana encontramos o ritmo vibrante característico das danças africanas, o rebolado, a movimentação das mãos nos quadris, um jogo de sedução. Hora a mulher gira em torno do seu próprio eixo, hora ela contorna o eixo do parceiro e vice e versa, movimentos rápidos, muitos giros, característica marcantes dos africanos.



Figura 5: Festejo de negros.

Foto: Internet



a)



b)

Figura 6: Luciele executando o rebolado e na outra imagem a curvatura da Coluna, Características das danças negras e indígenas.

Foto: Amanda Silva. Junho de 2015.

Dos portugueses existe o castanholar dos dedos marcando o timo intenso, o jogo de braços em movimentos constantes no auto da cabeça, a graciosidade nos movimentos mesmo rápidos. A cortesia ao iniciar a dança quando o cavalheiro tira a dama para dançar e ela aceita ou não.



Figura 7: Dança portuguesa

Fonte: Internet



Figura 8: Luciele Pantoja.

Fonte: Amanda Silva. 2015

A dança do carimbó em geral possui suas várias danças que contam também conta a história de lendas e mitos da região amazônica, histórias de amor do homem pela natureza ou pela bela amada. Segundo Cascudo em *Geografia dos mitos brasileiros* (1976), as lendas não são só costumes de nosso povo caboclo Amazônico, ele faz uma comparação com outras lendas de outros países, parecidas com as nossas aqui, em Portugal ele também, encontrou a lenda da Matinta Pereira<sup>11</sup>, muito parecida com a nossa. O que podemos concluir que nossas

---

<sup>11</sup> A Matinta pereira segunda a lenda amazônica é uma mulher, que pode ser uma idosa ou nova, geralmente a 7ª irmã ou irmão de sete. Que herda essa maldição. Com características de uma bruxa, assombra as pessoas que andam muito tarde da noite pelas ruas, ela usa um vestido preto, sempre descalça, com o cabelo todo no rosto para não ser reconhecida, unhas muito grande, as vezes até batem em quem encontram só pela rua. Algumas até voam, mais dizem que a matina pereira que voa é homem que também que herda a maldição assim como a mulher. Possuem um assovio capaz de enganar sua vítima, quando ouve-se o assovio perto da pessoa e porque ela está longe, e quando o assovio está longe e porque provavelmente ela deve estar em cima de você. Mas se por curiosidade você quiser saber que ela é, é só oferecer uma xícara de café e tabaco, que pela manhã do dia seguinte ao encontro ela bate bem cedo a sua porta para receber o combinado. E ela avisa logo que se você

lendas podem ter se espalhados pelo mundo ou podem ter chegado até nós com os estrangeiros na época da colonização. É contada a lenda do boto, que se transforma em um rapaz que encanta moças nas festas, com sua dança, depois as seduz e parte antes do amanhecer para a água novamente, tornando-se novamente um animal, como nos descreve

### **Loureiro:**

Herói dominante do sistema de narrativas da lenda, o boto, durante sua passagem da água para a terra, faz uma experiência do percurso da conversão semiótica. Na água, é um animal encantado que revela toda uma ordem simbólica ligada a cultura. Na terra, ele assume a forma de um rapaz de roupa branca, que é sua forma de aparência. Para aparência, superfície plástica do amor personificado, que não é nada além da imagem do amor. Aparência e estética. Não existem registros, de suas falas, de suas reflexões, de suas dúvidas, de seu interior. Ele é uma visão que preenche uma missão: Amar. Em sua aparência Srta sua essência. Transformado em jovem sedutor “de olhos negros, brilhantes e enfeitiçados”, ele guarda somente, como todos os heróis transfigurados, um signo de identificação. Um signo persistente de sua condição animal, sobre aparência humana. Um orifício originário, semelhante ao de uma glândula, sobre a cabeça erotizada do Boto enquanto delfim, índice da condição animal que permanece sobre a cabeça do jovem. É um signo de “realismo mágico”, neste personagem de herói amoroso. (LOREIRO, 1995, p. 340)

## **3.1 A INDUMENTÁRIA E ACESSÓRIOS**

A roupa dos praticantes do carimbó tem uma representação das três matrizes que formam a cultura cabocla. A vestimenta das mulheres inclui uma saia longa e bem rodada, que quando levadas a cabeça ao tentar unir as duas pontas nos lembra a terra que é redonda e suas belezas, fauna e flora, representadas nas estampas floridas. Essa com o passar do tempo foi sofrendo mudanças porque as escravas usavam saias longas e folgadas para um melhor desempenho em seus trabalhos diários.

Com o tempo, a roupa foi se adaptando a vida cotidiana ganhando um colorido nas saias. O tecido dessas saias de carimbó é conhecido como chita, um tecido grosseiro, um pouco pesado e barato. A blusa de renda que é uma característica dos europeus, passou a

---

contar para alguém o seu segredo e volta e lhe dá uma surra. Esse segredo deve morrer com você e nunca ser revelado, a não ser que no seu leito de morte alguém lembre-se de pergunte a você. Então você poderá revelá-lo, e então o segredo passa a ser da outra pessoa. Dizem também que se você contar ela pode lhe jogar a maldição, e então você passa a virar Matinta pereira toda noite de lua cheia, enquanto ela pode se livrar da maldição.

integrar a vestimenta das dançarinas, de cor única, mostrando os ombros e o pescoço, dando assim um ar de sedução.



Figura 9: Vestuário da dança do carimbó.

Foto: Mara Hermes. 2009.

Lembrando que essa questão das partes a mostra do corpo feminino veio junto com a modernidade. Os acessórios, pulseiras e cordões longos que chegam na altura da barriga até hoje em alguns grupos ainda é muito presente, feito de sementes de frutas, trabalho artesanal dos índios.

Com os cabelos soltos a dama usa uma flor representativa que quando estiver do lado esquerdo que dizer que a dama é comprometida, e quando estiver do lado direito, a dama está livre para dançar. Quanto aos homens usam calças brancas ou azuis amarradas com uma corda na cintura como os escravos usavam, com as beiras viradas, como eles usavam para os trabalhos nas terras dos seus senhores e os pescadores que também enrolam as calças quando vão pescar para não as molhar. Usam chapéus de caboclos que eles usavam para se proteger do sol forte. Com camisas azuis, brancas ou coloridas abertas. Todos dançam descalços traços marcantes das culturas indígenas e africanas.

### 3.2 O SIGNIFICADO DOS MOVIMENTOS DA DANÇA

Os movimentos da dança do carimbó nos mostram algumas ações do cotidiano transformado em extra cotidiano, trazidos para a cena, ganhando assim uma nova intenção, uma espetacularidade, uma teatralidade, um novo corpo que surge na dança, das práticas vivenciadas no dia a dia.

Barba vai encontrar esse "novo corpo", onde a presença física e mental do ator modela-se segundo princípios diferentes dos da vida cotidiana. O corpo todo pensa/age com uma outra qualidade de energia e ter energia significa saber modelá-la: "um corpo-mente em liberdade afrontando as necessidades e os obstáculos predispostos, submetendo-se a uma disciplina que se transforma em descobrimento." A utilização extra-cotidiana do corpo-mente é aquilo que ele chama de "técnica". Uma ruptura dos automatismos do cotidiano. Princípios aplicados ao peso, ao equilíbrio, ao uso da coluna vertebral e dos olhos e que produzem tensões físicas pré-expressivas, uma qualidade extra-cotidiana de energia que vai tornar o corpo teatralmente "decidido", "crível", "vivo". (MARIZ, 2007, P. 46. *Apud*, BARBA,

Como a prática diária do pescar quando os dançarinos entram com pequenos remos de canoas, redes de pescas e executam movimento como se tivessem remando no rio, representado o cotidiano dos pescadores. As mulheres jogam as saias no movimento que nos lembram os pescadores lançando a rede ao mar para a captura de peixes, elas também fazem movimentos constante com os braços, como se estivessem peneirando a mandioca para fazer a farinha, e fazem movimentos de esfregar a saia como se estivessem lavando a roupa na beira do rio. Executam uma movimentação com as saias que parecem as ondas do mar quando um braço voai afrente segurando uma ponta da sai enquanto o outro no mesmo movimento vai atrás e assim trocando o que estava atrás vai à frente em movimentos constantes.



Figura 10: Pescador lançando a rede

Fonte: internet



Figura 11: Dançarina jogando a saia

Foto: Amanda Silva. Junho de 2015.

O pescador lança as águas sua rede, extensão de seu corpo, seus olhos e braços a mergulhar na profundidade das águas, na esperança de encontrar fartura, que alimente sua fome pelo conhecimento. O mar, sempre tem a ensinar algo a mais a quem está a observar seus movimentos, entre enchentes e vazantes, existe a preamar e seus segredos silenciosos a camuflar tesouros. No momento oportuno o deslindar de práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados. (JASTES, 2012. p. 136.)

Algumas damas trazem elementos cênicos representando uma técnica cotidiana, a cesta de palha que seria uma pratica ameríndia, que acaba sendo hoje uma renda para a sobrevivência, assim como outras práticas artesanais, eles costumam tirar das florestas, da natureza, tudo o que pode ser reaproveitado, apanhar frutas e sementes de frutas para a fabricação de acessórios, como brincos, cordões, pulseiras. Alguns grupos dançam com objetos do cotidiano como, redes de pesca, vasos de cerâmicas na cabeça, representando as pinturas ameríndias e marajoaras. Onde as fabricações de cerâmicas marajoaras é muito forte em nosso estado.



Figura 12: Elementos do cotidiano utilizados na coreografia do carimbó

Fonte: Internet

Propomos a denominação de conversão semiótica a essa passagem de mudança de qualidade dos signos, que resulta do cruzamento e da inversão das funções situadas no alto e no baixo de um fenômeno cultural determinado, parte do movimento dialético de rearranjo das funções, como resultado de alteração da dominante em um contexto cultural. (LOUREIRO, 1995, p. 338 - 339)

Os rapazes também dançam com remos de canoas, trazem pequenos barcos, chapéus de palhas representando os pescadores.

No distrito de Icoaraci, mais precisamente no bairro do Paracuri existem muitos barracões com essa produção de vasos, pratos, xícaras, jarras feitos de barro, com desenhos marajoaras. Homens e mulheres caboclos que vivem deste meio de sustento com suas vendas. O distrito é muito conhecido pelas suas cerâmicas Marajoaras, que podem ser encontradas mais facilmente em uma feira montada bem na orla de Icoaraci, onde existem peças, algumas até exclusivas, feitas no bairro do Paracuri e que atraem o turismo para o lugar. Icoaraci possui também grandes grupos de carimbó como o tradicional “Os Africanos”, de mestre Coutinho, um dos pioneiros do carimbó na aconchegante Vila Sorriso, ao lado do mestre Zito, em meados da década de 60, o grupo vaiangar, o grupo asa branca, grupo trilhas da Amazônia. O tão famoso grupo Pará-folclórico BFAM do professor Eduardo. Um grupo que renomado no exterior, que já participou de grandes festivais no exterior mais que assim como muitos grupos de carimbó, não conseguem um lugar apropriado para ensaiar.



Figura 13: Vasos de cerâmica de Icoaraci

Foto: ABN News. 2004

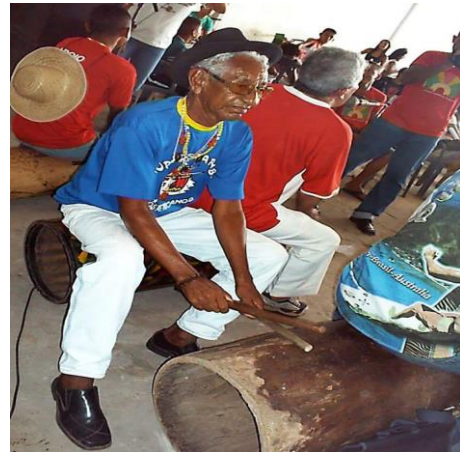


Figura 14: Mestre Coutinho

Foto: Isaac Loureiro. 2012

Nos índios Tupinambás esses conhecimentos de fabricação de artesanatos ainda são passados de geração em geração que hoje em pleno século XXI se mantem firme em algumas tribos, as práticas tradicionais de artes e artesanatos valorização nossa cultura nativa.



Figura 15: Colares de sementes, uma herança ameríndia.

Fonte: <http://www.risada.org/>

Quando as mulheres cumprimentam os homens em um gesto de pegar na ponta da saia e flexionam os joelhos descendo o troco como forma de responder ao convite para dançar, como os nobres faziam na corte, na dança os homens também as cumprimentam tirando o chapéu, percebemos nesses gestos os curtumes dos nobres, europeus.

### 3.3 A INFLUÊNCIA DO COTIDIANO NA CONSTRUÇÃO DA DINÂMICA CORPORAL DO CARIMBÓ.

Todos esses fatores da vida cotidiana, da pesca, do lavar a roupa na beira do rio, do peneirar a mandioca, da construção dos cestos, das lendas Amazônicas influenciaram esta coreografia cheia de riqueza e representações dos costumes do caboclo. As letras das músicas, nos contam um pouco desta vivência que permeiam de acordo com a região, que o carimbó está inserido na cultura. Um exemplo é a ilha de Maiandeuá mais conhecida como a ilha de Algodal, a ilha do amor, em que a prática da dança do carimbó não é tão intensa como em outros municípios, pois a música é a mais usada, nas festas, nos bares, nas reuniões em casas, músicas mais românticas, com versos que falam de amor.

As letras das músicas são pequenas e fáceis de aprender pois foi com este intuito de serem criadas com pequenas estrofes que seriam fáceis de decorar, pois o povo não tinha estudos, guardavam as letras em suas memórias e assim eram passadas de geração em geração. E a coreografia é baseada na música que está sendo cantada. Existem também danças dentro do carimbó que representam os animais e lendas que segundo Cascudo (1976,) as lendas vem junto com os escravos quando vieram para cá e se misturaram com as lendas dos índios e assim surgem a “dança da onça”, “dança do boto”, dança da vitória régia”, “dança do uirapuru” entre outros animais que para o índio representam fonte de força, sabedoria e inteligência assim como para o caboclo da região Amazônica,

### 3.4 O GRUPO SANCARI

O grupo nasce de uma brincadeira de amigos em dia 06 de dezembro de 1996, na rua Passagem Álvaro Adolfo no bairro da Pedreira em Belém do Pará. Na época alguns de seus integrantes tinha origem interiorana de lugares como, Vila do Cafezal (hoje Magalhães Barata), Cachoeira do Arari, Curuçá, Bragança, Uma brincadeira que nas reuniões tocava-se de tudo um pouco, como Samba, boi-bumbá, carimbó. E acabaram decidindo continuar tocando, fundando assim o grupo e apenas tocando e dançando o carimbó raiz, pois era o que mais predominava no grupo. O grupo possui características bem tradicionais, desde as roupas, simples, mais encantadoras. As saias muito floridas de tons claros, blusas de rendas bem

maiores que se costuma ver nos outros grupos, da cidade de Belém, nada mostrando a barriga. Uma vestimenta bem mais próxima das roupas que Dona Iná relata em sua casa.



Figura 16: Luciete Pantoja, dançarina do grupo Sancari.

Fonte: Amanda Silva. 2015

O grupo tem o ritmo do carimbó pau e corda, um grupo mais tradicional que busca na dança apresentar o pé batido do ameríndio nas suas danças, o rebolado africano. As dançarinas do grupo nos agradam com um carimbó de raiz, conhecido entre eles de pau e corda. O grupo busca claramente essa valorização da tradição e não poderia ser diferente, seus criadores vieram do interior. Eles não buscam apenas mercado, dinheiro. Eles querem disseminar tradição, preservado nas comunidades dos mestres de cultura populares, mantendo sempre a luta para preservar e divulgar a nossa dança e música mais tradicional. O grupo Sancari já possuem dois CDs gravados, “Mulatinho do Sancari” e “Carimbó em casa 2011”. Não conheço nem um outro grupo que represente toda essa luta, e que mantenha o carimbo de raiz na cidade de Belém. Alguns grupos de carimbó, acabam estilizando a dança, inserindo passos de outras danças, como os ballet clássico, jazz, modificando a roupa, encurtando as saias e as blusas, caminhando mais pela parte teatral em algumas músicas. Principalmente as que contam as lendas da região amazônica, como a do boto e da vitória régia, da iara e do uirapuru.



Figura 17: Dona Neire Rocha, coordenadora do grupo Sancari.  
Fonte: Campanha do carimbó. 2012.

## **4 CARIMBÓ NOSSO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO**

### **4.1 AQUI NASCE A CAMPANHA CARIMBÓ PATRIMONIO CULTURAL DO BRASIL**

Foi durante o 4º FEST RIMBÓ, principal evento do movimento cultural que nasceu a ideia de lutar pelo registro do carimbó como Patrimônio Imaterial do Brasil, que aconteceu na pequena cidade de Santarém Novo, na antiga região do Salgado, nordeste paraense. Que aconteceu no período de dezembro de 2005 em um do diálogo estabelecido entre a Irmandade de Carimbó de São Benedito, centenária organização cultural da comunidade, e o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Este evento ocorreu em 2002 e vem desde então segundo seus organizadores, “busca revelar ao Pará e ao Brasil toda a beleza, força e originalidade dessa tradição ancestral, apresentando as suas diversas expressões, tão ricas em timbres e estilos, dando visibilidade aos mestres tradicionais e estimulando os jovens músicos e dançarinos que são a garantia de sua continuidade e renovação”. E foi neste evento que o Iphan apresentou aos grupos de carimbó e a Irmandade o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, explicando todo o processo do registro. Nesse mesmo festival em dezembro de 2006 foi apresentada a Campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro” e o pedido de registro oficial junto ao IPHAN em fevereiro de 2008.



Figura 18: Campanha do carimbó.

Fonte: Campanha do carimbó. 2015

O pedido oficial de registro foi articulado pela Irmandade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo e subscrito também pelas associações culturais Raízes da Terra, Japiim e Uirapuru, estas três do município de Marapanim. Em janeiro de 2009, após a aprovação desse pedido, o IPHAN Regional (PA/AP) deu início ao Inventário Nacional de Referências Culturais do Carimbó, uma ampla pesquisa para levantar todas as informações necessárias ao registro como patrimônio imaterial. Concluído em 2013, o inventário deu origem a um Dossiê, cujo acesso público foi reivindicado pela Campanha do Carimbó e atendido pelo Iphan em fevereiro de 2014. Após uma ampla mobilização da Campanha nas redes sociais e nas comunidades carimbozeiras, o processo de registro foi finalizado pelo Iphan em 11 de setembro de 2014, sendo finalmente reconhecido o nosso Carimbó como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Durante esses 9 anos de luta, a campanha do carimbó se tornou uma grande teia, disseminando a cultura por onde passou, trazendo as comunidades incentivo para manterem vivas as suas tradições, força de vontade para manter o trabalho do reconhecimento do carimbó sempre presente, principalmente pelas grandes dificuldades que os grupos, mestres e mestras de Carimbó sofrem. Eu vi de perto em muitos eventos o grande problema de conseguir estar nos eventos da Campanha todos os membros dos grupos. Tudo por falta de investimento do governo, de patrocínio. Mesmo assim um dos grandes e perseverantes homens a frente deste trabalho árduo é Isaac Loureiro, um dos organizadores da Campanha, um homem simples mas de braço forte, voz ativa e valorizador nas nossas heranças culturais, por toda a comunidade Carimbozeira. Esteve durante todos os momentos importantes da

campanha do carimbó e sempre que possível participa dos festivais. Conhecido por todos os fazedores da dança, e muito querido e respeitado, durante o congresso, pude observar o carinho e a gratidão deles por Isaac. A campanha passou por muitos municípios do estado, nas regiões do Salgado, Bragantina, Marajó e Metropolitana.

#### 4.2 I CONGRESSO ESTADUAL DO CARIMBÓ.

O I Congresso Estadual de Carimbó aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de Junho de 2015, em Belém (PA), na cidade de Ananindeua, no Centro de cultura e formação cristã (Seminário Pio X), na BR 316, Km 6. Região Metropolitana de Belém. Com o objetivo de servir de Fórum deliberativo para a apresentação e encaminhamento das propostas de ações de salvaguarda do carimbó, foram convidados dezenas de mestres e lideranças carimbozeira para o congresso. Por falta de recursos financeiros, matérias para alimentos entre outros produtos o Congresso teve que ser adiado, pois estava previsto inicialmente para acontecer nos dias 15 a 17 de maio. O evento foi organizado desde o final de 2014 pela comissão organizadora da Campanha do carimbó e também com uma mobilização das comunidades carimbozeiras.



Figura 19: I Congresso Estadual do Carimbó  
Fonte: Campanha do Carimbó. 2015

Para a realização do evento foi convocado pelos municípios além dos grupos, mestres, os delegados de cada grupo/comunidade de carimbó eleitos nos encontros municipais por

onde a comissão da campanha do carimbó passou, a escolha dos representantes comunitários e para a comissão que constituirá o coletivo de salvaguarda e discutir a criação de uma entidade que representará o carimbó a nível estadual e nacional. Assim ficaria mais fácil de organizar as ideias, das necessidades e problemas, para propor soluções no evento.

Com o objetivo de resgatar, valorizar e difundir o carimbó de raiz, assim como cobrar do MinC (Ministério da cultura) editais visualizando as necessidades dos fazedores de carimbó, como os mestres, projetos culturais, um projeto para patentear as canções dos mestres, que são muito lesados com essa dificuldade. Muitos interesseiros vão em busca de colher informações para suas pesquisas e acabam ganhando a confiança dos mais velhos e assim os lesando, roubam suas canções, poemas. Foi discutido essa questão, no Rio de Janeiro tem grupos de carimbó de pessoas como essas, que enganaram, mestres e gravaram suas canções.

O reconhecimento e a valorização dos mestres, memórias vivas de uma sociedade desigual com seus sábios, muitos morreram de fome, nem tiveram a chance de ver e comemorar a vitória do carimbó como Patrimônio Cultural Brasileiro, era o sonho de uma vida melhor, para quem dedicou-se a uma vivência inteira no carimbó.

O evento não foi muito divulgado para a sociedade paraense, só a comunidade do carimbó e familiares, sabiam, assim como alguns representantes do governo, como o Ministro da Pesca, Helder Barbalho na época, o deputado Paulo Rocha, ex-diretor da TV cultura, que assim como o Ministro Helder não compareceu mas pelo menos mandou seu assessor, Paulo Roberto, lhe representando. O ministro da cultura também não se fez presente, mas mandou sua assessora e representante da diversidade cultural, Rejane Nobrega, uma pessoa que defende diante de suas possibilidades no ministério da cultura a valorização e o reconhecimento cultural das práticas culturais. Defensora da diversidade cultural de nosso país, busca sempre estar próxima do povo. Ficou hospedada no mesmo local do evento, participou das rodas de carimbó, sempre tendo momentos de diálogos íntimos com alguns praticantes, principalmente mestre Manoel, de Marapanim, do grupo de carimbó Uirapuru.

Sintetizando, podemos dizer que a cultura é um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultante das interações, conscientes e inconscientes, materiais e não-materiais, entre o homem e o mundo, a que corresponde uma língua; é um processo de transmissão pelo homem, de gerações em gerações, das realizações, produções e manifestações, que ele efetua no meio ambiente e na sociedade, por meio de linguagens, história e

educação, que formam e modificam sua psicologia e suas relações com o mundo. (NARDI, 1989, p.4)



Figura 20 : Rejane Nobrega. I Congresso de Carimbó Estadual. 2015  
Fonte: Amanda Silva. Junho de 2015.

No primeiro dia do Congresso, dia 5 de junho, sexta foi destinado para a recepção da comunidade carimbozeira, que chegava de todos os lados do estado do Pará, a todo o momento. Alguns chegavam de ônibus fretado por eles mesmos, os poucos que conseguiam apoio do município ainda sim, não chegava a ser um apoio para que pudesse vir todo o grupo completo, com seus músicos, dançarinos, mestres e mestras e seus instrumentos. Mediante as dificuldades era preciso mas mandar seus representantes na para a comissão de salvaguarda do carimbó, uma pessoa de voz ativa para os representar suas reivindicações e necessidades, não só do grupo, mais da comunidade em geral. A noite houve uma roda de carimbó, para a interação de todos que se hospedariam no local do Congresso.



Figura 21: Dona Neire, Mestre Lucas e a Dançarina Luciete Representando o grupo Sancari no I Congresso Estadual de Carimbó

Foto: Pierre Azevedo. 2015



a)



b)

Figura 22: Os mestres e mestras na roda de Carimbó pelos corredores do Centro de cultura e formação cristã (Seminário Pio X). 2015. Foto: Pierre Azevedo. 2015.

Na atividade intitulada “Aqui estão nossas mãos” – aconteceu uma roda de Carimbó, onde os participantes foram chamados em uma música que se repetia, enquanto chamava o nome dos municípios, e os representantes iam para o centro da roda, dançando e cantando, 25 municípios estavam presentes, depois o grupo saiu em uma caminhada pelo lado de fora do Local do congresso, até entrar e chegar na sala onde acontecia as reuniões. E então foi aberta as discussões sobre os temas apontados nos painéis do quadro.



Figura 23: Mestre Manoel do grupo uirapuru e Mestra Bigica das Serias do mar na Roda da acolhida. Na abertura do congresso. 2015. Foto: Pierre Azevedo. 2015.

Foi feita por Isaac Loureiro a apresentação dos convidados: Rejane Nóbrega (SCDC/MinC), Movimento PROA, Lacistatá – Amazônia Viva (Um projeto que incentiva a comida paraense, o bejú, a mandioca, o Tucupi, o açaí, cupuaçu), Campanha do Carimbó, Iphan e os patrocinadores. E assim um dia inteiro de apresentações dos municípios, com suas propostas e apontamento para as possíveis soluções.



Figura 24: Frutas e outros sabores da região Paraense.

Fonte: Campanha do carimbó. 2015

No segundo dia continuou as várias questões, foi muito presente a fala da comunidade do carimbó, quanto o descaso com dos governos, foram momentos de desabafos,

questionamentos quanto a solução que deveria dar o ministério da cultura representado pela presença de Rejane Nobrega, soluções e mais valorização, principalmente para os mestres de carimbó, por toda a vida dedicada ao carimbó, muitos mestres tem grandes composições mais eles acabam ficando com medo de cantar e alguém acabar roubando suas letras como foi dito em debate. Foi o dia em que os representantes do municípios se organizaram e decidiram quem seriam seu representantes, delegados na comissão de salvaguarda do carimbó. E como não poderia deixar de ser diferente, a grande roda de carimbó para festejar mais um evento.

### DIA 06/JUNHO (SÁBADO)

HORA	ATIVIDADE
06:30 às 08:00	Café da manhã
07:00 às 12:00	<b>ORIENTAÇÃO E CREDENCIAMENTO</b> dos delegados e observadores/ convidados (local do evento)
08:00	<b>AQUI ESTÃO NOSSAS MÃOS</b> – Roda de acolhida Carimbozeira – Dinâmica de integração lúdica comunitária – Saudação festiva aos delegados/as e convidados/as
08:30	<b>REGIME INTERNO</b> – Leitura e aprovação do Regime Interno do Congresso Orientações sobre programação e metodologia
09:00	<b>MESA DE ABERTURA:</b> Saudações ao Congresso pela Coordenação, parceiro e apoiadores – convidados: Helder Barbalho (Ministério da Pesca e Aquicultura), Rejane Nóbrega (SCDC/MinC), Delson Cruz (Regional norte/MinC), Senador Paulo Rocha (Senado Federal), Maria Dorotéia (Iphan-PA), Coordenação Estadual da campanha
09:30	<b>PAINEL 1: “O carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro: memória da luta coletiva, desafios e possibilidades da salvaguarda”</b> Expositores: Coordenação da Campanha do Carimbó e Iphan
10:00	<b>PAINEL 2: “Políticas Públicas para o carimbó e as Culturas populares no Pará e no Brasil. O que temos e o que precisamos?”</b> - Convidados: Rejane Nóbrega (SDC/MinC), Senador Paulo Rocha (Senador Federal), Dina Oliveira (FCP).
12:00	<b>Almoço e Roda de Carimbó</b>
14:00	<b>PAINEL 3: “Onde o calo aperta: Resultados da escuta comunitária sobre a salvaguarda feita nos Encontros Municipais da campanha do Carimbó”</b> Expositores: Campanha do Carimbó e IPHAN-Pará
15:00	<b>GRUPOS DE TRABALHO 1: “A salva guarda que queremos”</b> - Definindo e priorizando as demandas e ações para o Plano de Salvaguarda do carimbó e dos Carimbozeiros. <ul style="list-style-type: none"> <li>• G1: Apoio aos grupos, comunidades e organizações do Carimbó</li> <li>• G2: Pesquisa, documentação e memória do carimbó</li> <li>• G3: Reprodução e transmissão às novas gerações</li> <li>• G4: Proteção, promoção e Difusão do Carimbó</li> <li>• G5: Carimbó na Política Cultural Municipal, Estadual e Federal.</li> </ul>
16:40	<b>Merenda</b>

17:00 às 18:30	<b>PLENARIA DA SALVAGUARDA</b> – Apresentação dos resultados dos Grupos de Trabalho e aprovação dos indicativos e propostas para o Plano de Salvaguarda.
19:00 às 21:00	<b>Jantar</b>
21:00 às 23:00	<b>NOITE CULTURAL DO CONGRESSO</b> – Roda de Carimbó e intervenção de mestres. Mestras e grupos presentes.

### DIA 07/ JUNHO (DOMINGO)

HORA	ATIVIDADE
06:00 às 08:00	<b>Café da manhã</b>
08:00	<b>O FIO DA MEMORIA:</b> <i>“Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro: essa conquista é nossa!”</i> - Mística dos 10 anos da luta pelo registro como Patrimônio Imaterial do Brasil – de 2005 a 2015
08:30	<b>DEBATE:</b> <i>“Unidos somos fortes. Organizados podemos mais.”</i> - Novos rumos para o movimento carimbozeiro do Pará: a proposta de organização da Entidade Estadual do Carimbó Mediação: Coordenação da Campanha do carimbó
09:00	<b>GRUPOS DE TRABALHO 2:</b> <i>“Nosso caminho fazemos ao andar...”</i> - Discutindo a proposta do Estatuto Social da Entidade Estadual - Planejamento as ações coletivas para 2015 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gts por capitulo/seção do Estatuto</li> </ul>

11:00	<b>PLENARIO DA AUTO-ORGANIZAÇÃO:</b> <i>“Com nossos pés avançamos. Com nossas mãos conquistamos.”</i> - Apresentação e aprovação dos resultados dos grupos de trabalho sobre o Estatuto da Entidade Estadual e sobre o Planejamento 2015; - Aprovação de Moções e Recomendações do Congresso
12:00 às 14:00	<b>Almoço e Roda de Carimbó</b>
14:00	<b>ASSEMBLEIA GERAL DO CARIMBÓ:</b> <i>Instalação da assembleia geral para a fundação, Aprovação de Estatuto e Eleição da Coordenação da Entidade do carimbó e para Indicação dos Representantes Comunitários no Comitê Gestor da salvaguarda do Carimbó</i> Coordenação: Coord. Estadual da Campanha do Carimbó
17:00	<b>ENCERRAMENTO:</b> <i>“Com nossos pés avançamos...”</i> - Ato lúdico e festivo de encerramento do Congresso com todos os participantes - Despedida das Delegações
19:00 às 21:00	<b>Jantar</b>

### 4.3 CARIMBÓ DO MEU BRASIL

Em 11 de setembro de 2015 houve o "Ato Comemorativo pelo 1º ano do Registro do Carimbó como Patrimônio Cultural Brasileiro" que em Belém aconteceu em dois lugares, primeiro na Feira do Ver-O-Peso (06 às 10h), intitulado como "Alvorada" e no Centro Cultural Tancredo Neves (Centur) – Praça do Povo e Praça do Artista (a partir das 10 h). Onde muitos grupos de carimbó, mestres e mestras, familiares e apaixonados pela cultura Carimbozeira compareceram, bem menos do que eu esperei. A luta por dignidade, reconhecimento, valorização e respeito para o Carimbó continua muito forte e se amplia agora com o reconhecimento oficial e com as futuras perspectivas da comissão de salvaguarda do carimbó, criada no I Congresso Estadual de Carimbó, para garantir os direitos de nosso patrimônio cultural.

E mais uma vez a força da comunidade carimbozeira se fez presente, grupos vindos de vários municípios. É muito grande a força de vontade da comunidade, as 6:00 da manhã no Ver-o-Peso mas uma vez estávamos todos unidos, comemorando a vitória do reconhecimento do carimbó, mas infelizmente mais uma vez pude comprovar e compartilhar da dificuldade de apoio para que todos os convidados estivessem presente. Muitos não poderão comparecer por falta de fins financeiros. Geralmente quando os grupos de carimbó comparecem em eventos, festivas, eles mesmo se mantem no local, sem ajuda qualquer do governo.

É um descaso total com um bem cultural. A situação está longe ainda de ser resolvida, mas temos que fazer a nossa parte, compartilhando, participando, estando consciente do tamanho da importância de prezar o carimbó.

“O carimbó tem mais de 200 anos, mas recebeu o registro há apenas um ano. O reconhecimento como patrimônio cultural do Brasil é a certidão do carimbó, o que certifica direitos e abre portas para investimentos e recursos para condições dignas de trabalho e vida para quem mantém viva essa cultura e está marginalizado. É por isso que comemoramos hoje um ano do registro e continuamos na luta” - Isaac Loureiro, coordenador da Campanha do Carimbó. 2015.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo reconhecimento do Carimbó como Patrimônio Cultural Brasileiro foi um trabalho árduo, de lutas e perseverança durante quase 10 anos, mais não acaba ai, temos muito ainda pelo que brigar em termos de valorização da herança cultural de nosso estado. Principalmente quem vive do carimbó, que se alimenta desse mundo tão rico, tão nosso, No carimbó está contido quem somos, de onde viemos. É herança de nossos descendentes que devemos vivenciar, espalhar, compartilhar, ensinar aos nossos futuros herdeiros. Ainda estamos muito longe de uma realidade igualitária para todos. Os fazedores de carimbó são pessoas tão simples, que se alimenta do Carimbó, amam o que fazem e defende de todas as maneiras. Faz parte da gente, faz parte deles. É claro que é impossível manter uma dança, desde sua criação. A dança passa pelo processo dinâmico de transformação, mas podemos traze-la para a nossa realidade sem grandes mudanças, porque ai deixa de ser Carimbó e passa a ser outra coisa. O carimbó que ganhou o título, foi o carimbó de pau e corda, de raiz, dançado com os pés no chão, de saias longas e rodadas, de instrumentos fabricados pelos próprios músicos, de músicas que relatam toda essa interação com a cultura Paraense. Porque foram eles que levantaram as saias, e as calças e lutaram com as mãos e os pés, para que esse dia chegasse.

Temos um longo caminho pela frente. O reconhecimento como Patrimônio Cultural Brasileiro é apenas uma parte, agora precisamos cobrar, o reconhecimento de nossa comunidade carimbozeira, a valorização dos nossos mestres, pelo lugar ao qual eles pertencem e de fato merecem estar. Eles representam a sabedoria de uma vida inteiro, o conhecimento adquirido com o tempo. Por isso os mestres são os maiores poetas, compositores de músicas que embalam os terreiros ou salões, onde quer que o carimbó esteja presente. Porque ele pode estar onde quiser. Faz parte de nós, é nosso. É nosso Patrimônio para a vida toda.

*Acelera minha gente  
Acelera vamos lá  
Esse carimbó é nosso  
Deixa quem quiser falar  
(Mestre Chicão)*

## **6. REFERENCIAL TEÓRICO**

**AZEVEDO**, Maria Ana. O tamanco e o vaqueiro: Um estudo dos elementos espetaculares da dança dos vaqueiros do Marajo, em Belém do Pará. Dissertação de Mestrado. Salvador, 2004.

**BIÃO**, Armindo Jorge de Carvalho. Arte do corpo e do espetáculo: Questões de Etnocologia. Ed. P&A. Salvador, 2007.

**BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. O que é folclore. São Paulo. Ed. Brasiliense.2007.

**CASCUDO**, Luís da Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. 2. ed. Global. São Paul, 2002.

**CASCUDO**, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Ed. Global. São Paulo, 2002.

**CORDEIRO**, Paulo. O carimbó da vigia. 2010. Belém: Gráfica da UFPA. 2010.

**CLIFFORD**, Geertz. A interpretação das culturas. Ed. S.A. Rio de Janeiro. 1926.

**FERREIRA**, Raimundo Nazareno Favacho Ferreira. O gingado do pé: A espetacularidade da poética gestual dos dançarinos do grupo de Carimbó beija-flor de Marudá/Marapanim-Pará. Dissertação de Trabalho de conclusão de curso. Castanhal. 2013.

**JASTES**, Éder Robson Mendes. Dança folclórica na escola NPI – UFPA: Um estudo de caso. 1996.

**JASTES**, Éder Robson Mendes. Dança da onça na Cena Amazônica. Espetacularidade cabocla na dança do carimbó. Dissertação de Mestrado. Belém, 2004.

**JASTES**, Éder. Dinâmica cultural nas danças tradicionais da Amazônia. Artigo. Belém, 2004.

**JASTES**, Éder. “Banzeiro de saia”. Artigo. Belém, 2011.

**LOUREIRO**, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2001, 437 p. (obras reunidas). Belém, 1995.

**MACIEL**, Antônio Francisco de A. Carimbó – um canto caboclo. Dissertação de Trabalho de Conclusão de Curso. Linguística, letras e artes. 1983.

**MOTTA-MAUÉS**, Maria Angélica. “Trabalhadeiras” e “camarados”. Relações de gênero, simbolismo e ritualidade numa comunidade amazônica. Ed. Universitária UFPA. Belém. 1993.

**ROGERIO**, Rodrigues. Sociedade, corpo e interdições: Contribuições do estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. Publicado em 2008.

**SILVA**. Keila Fonseca e. Uma compreensão sobre o corpo no teatro pós-dramático: o corpo híbrido. Publicado em 2011.

**SILVA**, Raimundo Nonato França. O roncado dançado dos tambores: A Etnocologia presente no grupo de carimbó o uirapuru de Marapanim. Castanhal. 2013.

**TEIXEIRA**, Lyvia Conceição Leitão. Marambiré. O negro no folclore Paraense. Belém, SECULT:FCPTN, 1989.

**VELOSO**. Tamires Batista Andrade. RELIGIOSIDADES, FESTAS E RITUAIS TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA. Artigo. Publicado em 2012.

### **Documentos Eletrônicos**

Site: Campanha Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro. Consultado em 07 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://campanhacarimbo.blogspot.com.br/>.

Blogger: Campanha Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro. Consultado em 07 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://campanhacarimbo.blogspot.com.br/2012/08/o-pau-corda-do-carimbo-reafirma-cultura.com.br> .

Site: Pará turismo. consultado em 07 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.paraturismo.pa.gov.br/?q=pt-br/carimbó-ritual-contagante-de-sedução-que-expressa-forç-musical-do-pará>. 2013.

Site:Portal Educação. Portaleducarbrasil.com.org.br. consultado em 07 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://173.203.31.59/Portal.Base/Web/VerContenido.aspx?ID=205746>.

<http://www.dicio.com.br/hibrido/>

<https://www.facebook.com/campanhadocarimbo>  
Blog: [www.campanhacarimbo.blogspot.com](http://www.campanhacarimbo.blogspot.com)